

**Leia a bula no jornal:
o formato prescritivo em matérias sobre C&T no jornal Folha de São Borja¹**

Rodrigo NOGUEIRA²

Joseline PIPPI³

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

RESUMO

Este trabalho visa elucidar perspectivas para a sistematização dos gêneros jornalísticos, tendo como ponto de partida textos sobre Ciência & Tecnologia (C&T) veiculados na mídia interiorana. Sob a abordagem metodológica da análise de conteúdo, tendo como objeto de estudo um periódico da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, o Folha de São Borja. Por meio do exame das edições do periódico de 2000 a 2010, buscou-se verificar a pertinência dos gêneros e formatos já conhecidos da literatura (MARCQUES DE MELO & ASSIS, 2010; CHAPARRO, 2008) como qualificativos também da mídia jornalística do interior. Além da presença dos gêneros e formatos previamente citados, a pesquisa mostrou a existência de tipos textuais diferenciados, como o prescritivo, o qual será apresentado e qualificado no presente artigo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo impresso; jornais do interior; gêneros jornalísticos; gênero utilitário; notícias sobre C&T.

Introdução:

O estudo compilado neste artigo parte da busca pela caracterização das matérias jornalísticas publicadas no tabloide bissemanal Folha de São Borja, periódico do interior gaúcho, veiculado na cidade que dá nome à publicação. A perspectiva de que os gêneros jornalísticos sofrem alterações de acordo com a cultura que se inserem (VAZ, 2009), reforça a pertinência de uma análise dos gêneros e formatos jornalísticos em jornais do interior, que possuem um viés editorial diferenciado daquele apresentado pela produção nos grandes jornais regionais ou de grandes centros urbanos brasileiros.

Parte-se do pressuposto que as lógicas produtivas dos jornais interioranos possuem idiosincrasias que os diferem dos *prestige papers* das capitais, originando, a seu tempo, formatos textuais diferenciados e até mesmo divergentes daqueles preconizados pela literatura da área. Tendo por base as configurações políticas, sociais, econômicas e culturais da região, nos apoiamos na ideia de que existem especificidades de denomina-

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Intercom Júnior/DT6 – Interfaces Comunicacionais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 2 a 5 de setembro de 2014.

² Graduando do 3º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e colaborador do Grupo de Pesquisa Comunicação, Ciência & Tecnologia e Sociedade (ComC&TS). E-mail: rodrigonogueira8@gmail.com.

³ Professora do curso de Jornalismo na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), mestre e doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e líder do ComC&TS. E-mail: josipippi@gmail.com.

ção e qualificação dos formatos textuais jornalísticos nos periódicos locais. Criando por conseguinte, uma tipologia *sui generis* de matérias jornalísticas, de ampla significação e passível de reconhecimento para os leitores locais.

Tal iniciativa leva em consideração a lógica taxonômica proposta por Marques de Melo (2003; 2006). Por meio da análise documental aliada a análise de conteúdo do jornal, foi observada a existência de gêneros e formatos diferentes daqueles inicialmente propostos pelos estudos pioneiros de Melo. A classificação de tais elementos discrepantes foi denominada híbrida, abrindo espaço para uma qualificação diferenciada. Assim, nos filiamos teoricamente à perspectiva supracitada, tendo em vista a observação e análise do periódico no período de 2000 a 2010. De modo que mesmo marcada pelo advento da internet⁴, e consequentemente do webjornalismo, pautado na troca simultânea de informações em diferentes pontos do mundo, as particularidades regionais e, principalmente locais, ainda são critério relevante para a categorização dos gêneros e formatos no jornalismo do interior⁵.

Dentre os diferentes formatos verificados no decorrer da pesquisa, centramo-nos na proposição de nova tipologia textual, afim ao gênero utilitário, o qual denominamos ‘prescritivo’. Tal texto demonstra particularidades intrínsecas dos demais formatos que compõem o gênero de serviço, estando direcionado, na maioria dos casos, para assuntos relacionados à temática saúde no jornal analisado. Passemos, então, à explicitação de tal formato.

A concepção sobre gêneros e formatos jornalísticos

A década de 1960 caracterizou-se pelos símbolos de ruptura em diferentes campos sociais. Dos movimentos de contracultura, como os hippies e o brasileiro Tropicália, às inovações nas áreas de C&T, como o surgimento da Arpanet, da pílula contraceptiva e da NASA⁶. É nesse contexto mundial de renovação que são fundados boa parte dos cursos pioneiros de jornalismo no Brasil⁷, a exemplo da Universidade Católica de

⁴ A internet no Brasil, como meio comunicacional do grande público, estabeleceu-se por volta de 1995. Inicialmente, o acesso era restrito a professores e funcionários de universidades e instituições de pesquisa e/ou privadas.

⁵ O estudo segue as marcas de gênero e formatos dos estudos realizados por Marques de Melo, na tentativa de fazê-lo dialogar com a perspectiva de Chaparro (2008). Sendo assim, embate o viés teórico proposto pela pesquisadora Lia Seixas, a qual defende a desterritorialização do jornalismo no campo midiático como critério fundante de uma nova classificação dos gêneros (SEIXAS, 2008, p.293).

⁶ National Aeronautics and Space Administration (Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço), fundada em 1958. Foi a responsável pelo envio do primeiro homem à Lua, Neil Armstrong, em 1969.

⁷ Apesar de não ser citada, a primeira escola de Jornalismo brasileira foi a Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, fundada em 1947, no estado de São Paulo.

Pernambuco (1961), da Universidade de Brasília (1966), bem como da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1966). De modo que a partir desse cenário, também surgem os primeiros estudos e pesquisas acadêmicas que buscavam delimitar o jornalismo a partir de sua *práxis* e de suas especificidades.

No âmbito brasileiro, acentuou-se nas obras de Luiz Beltrão⁸ (1969; 1976; 1980) uma proposta inicial de sistematizar os campos do fazer jornalístico, baseado na sua tipologia textual, categorizando-os na tríade: informativo, interpretativo e opinativo. Contudo, a classificação adotada no país mais amplamente difundida, bem como o uso efetivo da nomenclatura “gêneros jornalísticos”, foi observada a partir da obra de José Marques de Melo. No livro *A Opinião no Jornalismo Brasileiro* (1985), o qual foi reeditado sob o título *Jornalismo Opinativo* (2003) o autor define gênero da seguinte maneira: “É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)” (MARQUES DE MELO, 2003, p.64).

Ao passo que conceituar e definir uma epistemologia para o jornalismo prova-se uma missão difícil, tampouco estabelecer categorizações para o mesmo tem sido uma tarefa simples: “Gêneros e formatos surgem, se modificam e se transformam, compondo um sistema em contínuo movimento” (LAURINDO, 2003, p. 66).

José Marques de Melo que inicia inventariando apenas três modalidades comunicativas, com a passagem do século XX para o XXI, admite a existência de outros dois gêneros: o utilitário e o diversional (2007). O jornalista os sistematiza oficialmente na obra *Gêneros Jornalísticos no Brasil* (2010), organizada com a participação de Francisco de Assis. Apresenta-se abaixo a divisão em cinco gêneros jornalísticos, proposta por Marques de Melo percebida em Costa (2010), (tabela 1):

Gênero Informativo
Primando pela objetividade, o gênero se atém à narração de relatos, intencionando proporcionar ao leitor informações sobre o acontecimento para que ele adquira consciência sobre o assunto.
Gênero Opinativo
Busca uma opinião específica acerca de um acontecimento, o gênero se atém à argumentação sobre o assunto tratado, objetivando expor os pensamentos do autor e suas justificativas para tais percepções.

⁸ Reconhecido pela comunidade acadêmica como o pioneiro dos estudos científicos sobre comunicação no Brasil, bem como do estudo sistemático do jornalismo no país. Foi o autor da trilogia que buscou uma primeira sistematização dos produtos jornalísticos nacionais: *A Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980).

Gênero Interpretativo
A partir de uma análise investigativa e pesquisa documental acerca do tema abordado, o gênero prima pelo desenvolvimento de textos que possibilitem ao leitor um entendimento amplo sobre o assunto.
Gênero Utilitário
Centralizando na produção de conteúdos informativos baseados numa prestação de serviço ao leitor, o gênero se estabelece numa finalidade textual que possa ser utilizada em benefício do receptor.
Gênero Diversional
Considerando as particularidades de estilo literário na elaboração de textos, o gênero propõe a perspectiva de construções narrativas que contextualizem o leitor a respeito de ambientações, características físicas de personagens, etc.

Tabela 1: Gêneros jornalísticos de acordo com Marques de Melo. Fonte: COSTA (2010).

Salienta-se no presente artigo o penúltimo gênero incluso nessa taxonomia, o utilitário. Marques de Melo considerou previamente que o mesmo encontrava-se incluso no formato nota do gênero informativo, de modo que após notar que a abrangência de matérias focalizando serviços não mais cabia na classificação anterior, tornou-o um gênero e o dividiu em quatro formatos distintos:

- a) **Indicador:** dados fundamentais para a tomada de decisões cotidianas (cenários econômicos, meteorologia, necrologia, etc.);
- b) **Cotação:** dados sobre a variação dos mercados (monetários, industriais, agrícolas, terciários, etc.);
- c) **Roteiro:** dados indispensáveis ao consumo de bens simbólicos;
- d) **Serviço:** informações destinadas a proteger os interesses dos usuários dos serviços públicos, bem como dos consumidores de produtos industriais ou de serviços privados.

Outra perspectiva relacionada à determinação dos gêneros no jornalismo brasileiro e lusitano é aquela sustentada por Manuel Carlos Chaparro (2008), que busca nos fenômenos linguageiros sua base classificatória. A mesma, exposta abaixo (tabela 2), relaciona-se à dicotomia de comentar e relatar os acontecimentos⁹.

Comentário	Espécies Argumentativas Espécies Gráfico-Artísticas

⁹ No entender de Chaparro, esta separação entre tipos textuais não equivale a dicotomia de opinar ou informar. Uma vez que o autor acredita que opiniões e informações estão presentes em todos os gêneros jornalísticos.

Relato	Espécies Narrativas
	Espécies Práticas

Tabela 2: Sistematização em espécies feita por Chaparro. Fonte: CHAPARRO (2008).

O autor identifica o relato utilitário na sua categorização entre as espécies¹⁰ práticas do gênero relato¹¹, as quais o mesmo acredita serem mais abundantes nos relatos jornalísticos veiculados no Brasil do que em Portugal. Contudo, o próprio admite que há a necessidade de se classificar adequadamente o gênero utilitário.

“(…) entre as insuficiências e inadequações que os critérios tradicionais revelaram para a tipificação das formas discursivas do atual jornalismo brasileiro, uma adquire relevância acentuada: a incapacidade de classificar as espécies utilitárias, aquilo a que vulgarmente se chama serviço, até agora tratadas como simples tendência ou curiosidade.” (CHAPARRO, 2008, p.166).

Em seu estudo em torno dos gêneros jornalísticos veiculados nos jornais impressos portugueses e brasileiros, Chaparro aponta, por meio de dados, a presença do didatismo nos periódicos do Brasil. Ressaltando em particular o jornal Folha de S. Paulo, no qual observou-se durante o ano de 1995 que 21,31% dos relatos de atualidade correspondiam a informação utilitária. Confirma-se por conseguinte a consolidação de uma política editorial que estrutura-se também a partir de conteúdos que prestam serviço, bem como de resumos didáticos para orientar o leitor. Infere-se que estes últimos tornaram-se como aponta o autor, “ Marca importante na identidade visual e jornalística da Folha de São Paulo (...) se espalharam pelos meios impressos brasileiros, incorporando-se à cultura jornalística da era informatizada, como vertente criativa de linguagem no relato da atualidade”. (CHAPARRO, 2008, p.121).

Vale ressaltar que a presença do gênero utilitário no periodismo nacional não é recente, suas origens datam dos primórdios do jornalismo brasileiro. De acordo com Sodré (1994) foi no Diário do Rio de Janeiro¹², o qual segundo historiadores trata-se do primeiro jornal diário veiculado no Brasil, que se observa a tipologia textual utilitária em seu princípio. Leilões, proclamações, guias de impostos, anúncios sobre escravos fugidos, bem como dados sobre o mercado e o comércio de especiarias e ouro, eram o

¹⁰ As espécies segundo Chaparro correspondem a, “novos horizontes de expectativas dos leitores e novos modelos de escrita para os jornalistas” (CHAPARRO, 2008, p.17). Mas são acima de tudo, “formas discursivas da imprensa” (CHAPARRO, 1998, p.79).

¹¹ O pesquisador categoriza as espécies práticas em seis subgêneros: indicadores; previsão de tempo; roteiros; agendamentos; cartas-consulta; e orientações úteis.

¹² Fundado e redigido pelo português Zeferino Vito de Meireles, foi o primeiro jornal de circulação diária no Brasil, bem como o primeiro a publicar anúncios. Foi veiculado de 1º de julho de 1821 a 1878.

objeto de interesse de orientação para os cidadãos do início do século XIX. Ao passo que devido ao fato do periódico publicar regularmente o preço da manteiga, ficou conhecido satiricamente pela população como o “Diário da Manteiga”.

Partimos então para a perspectiva de Calvo Hernando (1994), na qual vivemos contemporaneamente na sociedade do terceiro milênio¹³ caracterizada pela fluidez de informações, na qual a ampla disponibilidade e pluralidade permitem que a audiência possa escolher onde buscar notícias. Em se tratando de informações que resultem em notícias de serviço, é importante ter em mente que não é apenas o fato que importa, mas quais as possibilidades de uso dessa informação. “Seria de pouca utilidade para o público receber a informação de que os aeroportos de todo país estão com voos atrasados, se ele não for informado sobre quais as providências a serem tomadas, quais os seus direitos, o que fazer, quem procurar e a quem reclamar” (VAZ, 2009, p.125)

Thomaz Souto Corrêa, vice-presidente do conselho editorial do grupo Abril, atenta a particularidade do gênero “O jornalismo de serviço é útil por um período mais longo de tempo porque ele não é afetado pelos acontecimentos diários ou semanais da imprensa noticiosa (...) qualquer estudo não pode deixar de tratar de questões que digam respeito a um setor tão significativo do jornalismo brasileiro” (DINES et al., 1997, p.96).

As informações de serviço legitimam implicitamente uma das principais características do novo público dos media, que além de buscarem informação, esperam acima de tudo encontrar dados úteis para sua vida. “As novas organizações multimídia, cada vez menos, definem os critérios de noticiabilidade pelo interesse público, mas por critérios relativos à prestação de serviços e entretenimento” (FONSECA, 2005, p.16)

O gênero utilitário revigora-se no panorama atual como parte integrante da comunidade, auxiliando na tomada de decisões rápidas e mediando soluções para os contratempos dos cidadãos, conseqüentemente facilitando suas vidas. “O jornalismo em todas as suas formas, fornece uma relação múltipla de auxílios especiais aos seus clientes, para tornar suas vidas mais completas, mais seguras, mais ricas, mais saudáveis, mais compensadoras”. (BOND, 1962, p.274).

A exemplo de alguns desses serviços assistenciais prestados por esse agente social mediador, podem ser citados: pedidos dos leitores enviados à redação para publicação de avisos, comunicações, indicadores meteorológicos, resultados de loterias, cota-

¹³ Afirmação de Calvo Hernando, em *El periodismo del tercer milênio*, 1994. Enfatizando o período compreendido entre 1 de Janeiro de 2001 a 31 de Dezembro de 3000 d.C.

ção da bolsa, programação cultural, guias de impostos e aposentadoria, convites, votos de felicitação ao jornal ou agradecimento a pessoas ou entidades.

Deste modo, a opção de nortear a perspectiva do artigo sob as diretrizes de Marques de Melo mostra-se uma válida opção teórica, ao passo que o mesmo inicia suas pesquisas sobre os gêneros e a tipologia textual jornalística desde 1966¹⁴, bem como é tido como ponto de partida para qualquer abordagem nacional com relação ao tema.

Aspectos metodológicos:

Localizada na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, o município de São Borja conta com 61.671 mil habitantes de acordo com dados do IBGE atualizados em 2012. Dentre os seus dois periódicos, o jornal Folha de São Borja foi selecionado pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Ciência & Tecnologia e Sociedade (ComC&TS) por tratar-se do veículo impresso mais antigo ainda em circulação na cidade. Dados do jornal (tabela 3):

Periódico	Fundação	Periodicidade	Dias de Circulação	Nº de pág.	Tiragem
Folha de São Borja	24/02/1970	Bisemanal	Quartas-feiras e Sábados	32	4000 exemplares

Tabela 3: Quadro de dados sobre o periódico Folha de São Borja.

Foi realizada visita in loco para a coleta de textos sobre C&T, veiculados no jornal entre os anos de 2000 e 2010. Durante a análise do periódico e a organização do mapeamento noticioso obtido durante a pesquisa “*Quando a ciência é notícia na fronteira?*”, detectou-se uma característica em comum nos produtos jornalísticos sobre C&T veiculados nesses jornais. A exemplo das seguintes transcrições¹⁵, ressaltando-se as características prescritivas em itálico:

- a) “*É melhor você pensar duas vezes antes de ficar acordado até tarde* vendo filmes ou séries na TV. A não ser que realmente valha a pena, perder algumas horas de sono pode custar caro não só para a saúde (aumenta o risco de pressão alta, doenças vasculares e diabetes) como também para a forma física”. (Folha de São Borja, 08/08/01, p.2).

¹⁴ Período que inicia a carreira na academia como assistente do professor Luiz Beltrão, no Instituto de Ciências da Informação da Universidade Católica de Pernambuco (Recife). Melo posteriormente, no mesmo ano, transfere-se à São Paulo, onde começa a ganhar reputação como pesquisador comunicacional, exercendo o cargo de Diretor de Pesquisas do Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (Inese).

¹⁵ Salientamos que as transcrições foram feitas tal qual os textos originais. Dessa forma, eventuais erros ortográficos foram mantidos.

- b) “*Toda mulher deve consultar o ginecologista pelo menos uma vez por ano, para a realização dos exames de Papanicolau e o de palpação das mamas, mesmo que ela faça o autoexame dos seios mensalmente em casa*”. (Folha de São Borja, 01/07/00, p.8).

É mais expressiva a sua presença, principalmente nos produtos jornalísticos que tratam do tema saúde e bem-estar. Contudo, também é possível observá-la em notícias que envolvam as áreas de Ciências Agrárias e Biológicas, em função da voz dos especialistas que indicam alguma nova tecnologia ou técnica destinadas aos produtores rurais e empresários de setores relacionados:

- a) “Os produtores poderão contar em breve com mais uma aliada na tecnologia de combate ao grande inimigo da produtividade da lavoura orizícola. Para haver maior rendimento de *grãos é importante aplicar a tecnologia Clearfield o mais cedo possível*”. (Folha de São Borja, 28/09/02, p.4).
- b) “Etchichuri entende que *o produtor deve realizar o planejamento de sua atividade, correndo o menor risco possível, utilizando-se de sementes de ciclos variados*”. (Folha de São Borja, 03/03/07, p.7).

São Borja é uma cidade com tradição de latifúndios e fortes monoculturas, sendo inclusive a quinta maior produtora de arroz do Brasil. Por conseguinte, é interessante observar a presença de uma coluna semanal de apicultura, assinada por Ivonie Marques, que mescla conteúdos relacionados a Ciências Agrárias: informações técnicas sobre a produção do mel e equipamentos. Bem como informações relacionadas a Ciências Biológicas: diferentes espécies de abelhas, sua morfologia, doenças e problemas que afetam os enxames. Nessa coluna também é possível inferir implicitamente a característica de prescrição.

- a) “Quando se pretende abrir uma colmeia, *deve-se ter o cuidado de observar, primeiro, as condições do tempo: Sol, pouco vento e temperatura amena (evitar os dias frios). Trabalhar com calma (...) vestido com macacão, botas, máscara e luvas. Um utensílio indispensável é o fumegador*”. (Folha de São Borja, 24/11/04, p.10).
- b) “*Não deixe faltar espaço nas colméias onde suas abelhas irão depositar o mel. A principal causa da enxameação é exatamente essa. Nesta época de floração, sempre que houver mel maduro deve ser retirado, pois assim manterá o enxame*

em atividade, diminuindo a intenção de enxameação”. (Folha de São Borja, 09/09/09, p.10).

É pertinente observar a característica que norteia boa parte dos produtos jornalísticos que compõem o gênero utilitário, o ato de orientar o leitor, contudo esse formato prescritivo apresenta uma característica que o difere dos demais formatos contidos no mesmo. No prescritivo há o direcionamento implícito de suscitar a realização de uma ação por parte do leitor, assumindo um posição de especialista, por meio de instruções didáticas de como o leitor deve agir ou dados necessários para que ele mesmo possa encontrar a informação que precisa. “O jornalista em última análise, é um educador” (DINES, 1986, p.118).

O material jornalístico prescritivo não pode ser enquadrado em nenhum dos outros quatro formatos propostos por Marques de Melo no gênero utilitário. Não pode ser cotação pois seu foco não é a variação do mercado; também não é roteiro uma vez que não direciona o receptor ao consumo de bens simbólicos por questões de hedonismo ou lazer, tampouco é indicador ou serviço, apesar de também buscar orientar o leitor, bem como pode estar associada a esses dois últimos em um relato jornalístico.

O utilitário está na palavra de ordem, naquilo que suscita indiretamente ao comando de determinada ação, percebe-se na sugestão implícita de alteração do estado de letargia do público. Contudo vale ressaltar aqui a afirmação de Kovach e Rosentiel (2003) “A imprensa não tem a tarefa desanimadora de difundir a verdade a um público passivo”. A tarefa dessa entidade é dar ao mesmo o que precisa para formar a verdade por si próprio, orientando-o e não comandando-o.

Jornalismo prescritivo e saúde

Acentuou-se durante a análise do periódico, uma predominância de matérias relacionadas a saúde, com conteúdo prescritivo. Nestas há a ênfase diferencial de indicar ao leitor as causas de um possível acontecimento e, com isso, instituir os melhores procedimentos a serem tomados para benefício do indivíduo. O emissor da informação assume o papel de um profissional da saúde, como um psicólogo, um nutricionista ou como notado na maioria dos textos, um médico. É a partir daí que se instaura um consentimento jornalístico de utilidade médica com linguagem inteligível aos leigos.

Ano	Matérias sobre saúde e bem-estar	Característica Prescritiva
2000	19	12
2001	17	7
2002	30	13
2003	5	2
2004	5	2
2005	17	4
2006	2	0
2007	1	0
2008	16	8
2009	22	15
2010	10	2
Total	146	65

Tabela 4: tabela de dados de matérias com cunho prescritivo relacionadas a saúde.

Utilizando-se a análise quantitativa, constitui-se o quadro acima (tabela 4). A partir do gráfico infere-se que do período de 2000 a 2010, cerca de 45% de todas matérias com a temática saúde e bem-estar veiculadas no jornal Folha de São Borja, apresentavam implicitamente a característica prescritiva, ou seja, receitavam ao leitor uma determinada conduta. Ao analisar a tabela nota-se a tendência gradual de declínio de produtos jornalísticos do caráter prescritivo relacionados a saúde e bem-estar de 2000 a 2002, apresentando uma queda brusca no ano de 2003. Esse decréscimo justifica-se pelo aparente controle das epidemiologias no município, bem como de um maior espaço destinado a matérias de ciências agrônomas, biológicas e políticas.

Contudo, a partir do período do fim do ano de 2008, há novamente um progressivo aumento da temática saúde e bem-estar, aliadas a tipologia textual prescritiva, atingindo seu ápice no início do ano seguinte, 2009, no qual mais da metade das matérias apresentavam a característica supracitada. Ao passo que tal fenômeno deva-se ao combate dos casos de febre amarela, leishmaniose visceral e da pandemia de gripe A (H1N1). Esta última teve um enfoque notável, sendo inclusive dedicado a mesma na época um caderno especial.

Nessas matérias que abordavam a virose, suas origens, agentes etiológicos e sintomatologia, nota-se a presença de prescrições aparentemente superficiais porém sem dúvida pertinentes no período. Orientações de como higienizar corretamente as mãos aliadas a utilização de antissépticos como o álcool, bem como indicações para evitar ambientes fechados com grandes conglomerados humanos e a difusão do uso de máscaras cirúrgicas descartáveis. Apesar de não indicar o uso de fármacos, nota-se nos profis-

sionais da comunicação que organizavam as matérias, a abordagem de aconselhamento para a estabilização e restauração da saúde de seus leitores. Abaixo, um exemplo de matéria, dedicada a um dos grupos de risco na época (figura 1):



Gestantes estão no grupo de maior risco

Especialistas do Departamento de Obstetrícia do Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz) divulgam orientações às gestantes sobre como se prevenir do contágio pelo vírus da influenza A (H1N1) e o que fazer caso apareçam sintomas da doença. As gestantes estão no grupo de risco da nova gripe porque a gravidez promove uma alteração (queda) na imunidade da mulher, o que a torna mais propensa a processos infecciosos, bacterianos ou virais, tanto na facilidade de aquisição como na maior gravidade da apresentação.

Ainda não existem dados sobre todos os grupos populacionais estudados, nos diferentes países, em relação ao contágio pela influenza e à evolução da doença em gestantes. Entretanto, os crescentes casos de grávidas sem comorbidades anteriores que, ao contraírem o vírus, evoluíram para um quadro de maior gravidade e até mesmo para óbito fizeram com que a gestação seja considerada a principal condição de risco para quadros graves de influenza A.

As medidas que a gestante deve adotar para se proteger do contágio pelo vírus da nova gripe são as mesmas indicadas pelo Ministério da Saúde para a população em geral. Mas se a gestante não puder evitar o contato direto com um filho, marido ou colega de trabalho que esteja doente, é importante que ela faça sempre a higiene das mãos após tocá-lo e evite ficar com

o rosto muito próximo ao dele, pois as gotículas de saliva expelidas durante a fala ou tosse podem transmitir a doença.

A gestante que contrai o vírus da influenza A (H1N1) pode transmiti-lo ao feto, como ocorre com outras doenças, através da barreira placentária, mas não existem estudos que identifiquem o grau de prevalência da gripe A nos fetos de mães infectadas. No Brasil, já houve casos em que a grávida faleceu em decorrência da influenza A e o bebê nasceu saudável, e outros em que a grávida infectada faleceu e o bebê já estava morto intra-útero. Como a gripe causada pela influenza A é uma doença muito nova e não está totalmente mapeada na sua apresentação clínica e morbimortalidade, ainda é cedo para se ter certeza de qual o seu grau de virulência e disseminação para o feto de uma mãe infectada, e se o bebê que contrai a doença dentro do útero materno pode sofrer qualquer tipo de seqüela, como malformações e outras.

As gestantes consideradas "casos suspeitos e com alterações dos exames laboratoriais, clínicos e de imagem iniciais" são internadas. Em muitos municípios, empresas públicas e privadas estão dispensando as gestantes de permanecer no local de trabalho que apresente maior risco de contaminação com o vírus A, especialmente quando há contato direto com o público.

Grávidas precisam de cuidados especiais

evitar o contato direto com um filho, marido ou colega de trabalho que esteja doente, é importante que ela faça sempre a higiene das mãos após tocá-lo e evite ficar com o rosto muito próximo ao dele,

Figura 1: trecho destacado apresentando a característica prescritiva. Fonte: FSB, 15/08/09, p.8.

Vale ressaltar que apesar de o jornalista facilitar a comunicação, orientar e prescrever uma conduta, o mesmo não pode personificar um profissional da área médica, "não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância" (CHAUI, Marilena. 1990).

O comunicólogo restringe-se a orientação superficial, ao passo que não pode indicar fármacos, de modo que a veiculação de matérias de cunho prescritivo deve passar necessariamente por uma triagem rigorosa. O ideal para tanto, seria a instauração de uma mediação entre médico e paciente da seguinte forma: os questionamentos e dúvidas apontados por meio de pesquisas qualitativas e quantitativas ou enviadas por leitores para a redação, seriam levadas a profissionais de saúde da especialidade correspondente. Se, ao responder, o médico não se expressa de maneira clara ou prescreve fármacos o editor solicita que ele reescreva a resposta até que ela esteja adequada aos padrões do jornal e só então ela é anexada no conteúdo do mesmo.

Tais medidas são desejáveis para evitar os efeitos nocivos de divulgar uma resposta errada e prejudicar a saúde do leitor. O jornalista não deve hesitar em traduzir a linguagem hermética do universo linguístico médico para uma linguagem mais inteligível ao público em geral. “Jovens jornalistas, sobretudo, caem com frequência no risco do deslumbramento quando se deparam com um PhD e aí os perigos são muitos. Medo de admitir que não sabe do que o cientista está falando e de fazer perguntas simples do tipo “mas poderia me explicar o que significa esta palavra?” (OLIVEIRA,2010,p.48).

Considerações finais

Os dados evidenciam a presença de tipologias textuais diferenciadas, que de certo modo hibridizam os formatos já existentes. A própria crônica, é um formato híbrido, ou seja, apesar de apresentar características do texto opinativo, também demonstra aspectos do informativo, sendo até considerada por alguns diversional. Marques de Melo em uma entrevista concedida ao blog da pesquisadora Lia Seixas, no ano de 2008, confirma a questão da multipolaridade da questão: “Vejo, na verdade, a existência de 5 gêneros que são autônomos, mas se hibridizam”.

Como já exposto, os gêneros jornalísticos sofrem influência direta da cultura em que se inserem, seja cronológica, nacional ou como apresentado ao longo do artigo, regional. A presença recorrente do formato prescritivo mostra que o jornalismo utilitário, como gênero textual, faz-se presente de modo mais efetivo no jornal analisado, conforme os dados apontam, no formato prescritivo. De modo que novos complementos sistemáticos viriam a contribuir para o que já foi estabelecido, não provocando uma ruptura ou niilismo da epistemologia da questão dos gêneros, mas enriquecendo o que já foi estabelecido previamente.

Referências:

- BELTRÃO, L. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.
- BOND, F. **Introdução ao jornalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- CALVO HERNANDO, Manuel. **El Periodismo Del Tercer Milênio. Problemas de La Divulgación Científica em IberoAmerica**. Revista Interciencia, 2002.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’aquém e d’além mar: travessia para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.

- DIEZHANDINO, Maria Pilar. **Periodismo de servicio: la utilidad como complemento informativo en Time, Newsweek y U.S. News and World Report, y unos apuntes del caso español.** Barcelona: Bosch Comunicación, 1994.
- DINES, Alberto; VOGT, Carlos; MARQUES DE MELO, José (Org.). **A imprensa em questão.** Campinas : Editora da UNICAMP, 1997.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal.** São Paulo: Summus, 1986.
- FONSECA, André Azevedo da. **Plano de ensino: Fundamentos Científicos da Comunicação.** Uberaba: Universidade de Uberaba (Uniube). Curso de Comunicação Social. Habilitação Jornalismo. 2º semestre de 2005.
- KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo.** Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Geração, 2003.
- LAGO, Cláudia; BENNETI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.
- LAURINDO, Roseméri. **O estudo sobre gêneros jornalísticos em Portugal.** Salvador: Pauta Geral, n. 5, p. 45-64, 2003.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal.** São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- MACEDO, Mônica Gonçalves. **Comunicação em Saúde na Internet: Uma análise da revista eletrônica Saúde e Vida On-line.** São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, 1998.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.
- _____. **Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- _____. (Org.). **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo.** São Paulo: FDT, 1992.
- OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico.** São Paulo: Contexto, 2002.
- SÁ, José de. **Medicina e Jornalismo: Comunicação em exame.** São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS), 1995.
- SEIXAS, Lia. **Por uma outra classificação: uma proposição de critérios de definição de gêneros jornalísticos por impressos e digitais.** 2008. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- _____. **O que é jornalismo? É possível entender através dos gêneros.** Disponível em: <<http://generos-jornalisticos.blogspot.com.br/2008/05/o-que-jornalismo-possivel-entender.html>> Acesso em: 21 de julho de 2014.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Mauad, 1994.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são.** Florianópolis: Editora Insular, 2ª ed., 2005.
- VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **Jornalismo de serviço: o gênero utilitário na mídia impressa brasileira.** 2009. 197 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.